

A INTOLERÂNCIA EM FOCO: UMA ANÁLISE SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DE PRÁTICAS FASCISTAS ATRAVÉS DO FILME THIS IS ENGLAND (2006)

Paulo Roberto Alves Teles¹

INTRODUÇÃO

(...) Eu sou o coringa (...) (James Holmes, 24 anos²).

Luz, câmera, ação. Apesar de bastante conhecidas, as palavras que iniciam esse trabalho não demonstram o quão complexo e problemática são os estudos sobre as representações construídas pelo Cinema. Desde as primeiras análises realizadas por Marc Ferro nos anos 1970, os usos de filmes como veículos de representação sobre as mais diversas interações sociais têm sido frequentes. Com o passar dos anos, essas pesquisas despertaram debates e com elas, novos métodos de abordagem. Isso provocou o surgimento de novas conceituações e de uma nova postura adotada por parte dos pesquisadores na maneira de enxergar o papel do cinema na sociedade.

Associada a inúmeras questões, a representação da intolerância corresponde a uma temática frequente nas produções cinematográficas. Contextualizada por condições específicas, essas representações apresentaram generalizações e particularidades relacionadas à sociedade que as produziu. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar a representação da intolerância na década de 2000 através da análise do filme *This is England* (2006).

Este trabalho acredita que o papel do cinema reside na leitura e ou percepção de símbolos e manifestações individuais e ou coletivas que apresentem e representem significados sobre o meio ou objeto selecionado como tema a ser exibido pelo filme.

A metodologia aplicada consistiu na análise da obra, com o auxílio de concepções epistemológicas sobre representações, cinema e sociedade, estabelecemos uma discussão

¹ Graduado no Curso de História pela Universidade Federal de Sergipe onde integra o Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS-CNPq) e desenvolve pesquisa sobre Cinema, Representações e Intolerância pelo programa de mestrado do Núcleo de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (NPPCS/UFS);

² Autor de disparos na cidade de Denver (EUA) responsáveis pela morte de 12 pessoas e por ferir outras 59. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/56603-onde-esta-batman.shtml>>. Acesso 14 mar 2013;

sobre os métodos utilizados pelo filme para representar as temáticas citadas acima. Além disso, os ambientes retratados, suas fotografias, suas estruturas narrativas e os usos de suas trilhas sonoras foram levados em consideração durante a realização do trabalho.

1. A TEORIA REALISTA: O CINEMA COMO POSTURA POLÍTICA

“(…) O Cinema realista não deveria competir com os filmes de entretenimento, mas proporcionar uma alternativa absoluta, um cinema com uma consciência verdadeira tanto para com nossa percepção cotidiana da vida como para nossa situação social (…)” (ANDREW, p. 92: 2002). Dito isto, podemos afirmar com plena convicção que discutir a teoria realista é, antes de tudo, apresentar um cinema que se propôs ser engajado politicamente.

A produção cinematográfica realista surge com o intuito de romper as barreiras do filme como obra de arte a ser contemplada. Para os produtores e diretores pertencentes a essa corrente teórica, o cinema seria algo muito mais além do objeto de contemplação. Pertencente ao nicho cultural que foi produzido, o filme traria consigo sentidos e representações da cultura que construiu e ao mesmo tempo dos objetos os quais foram exibidos.

Nesse sentido, o esforço empreendido pelos realistas não se restringia a uma mera reprodução do visível, mas a captura dele a partir das ferramentas cinematográficas utilizadas mediante a interpretação dos diretores e produtores do cinema. De modo que a realidade fosse adequada de tal maneira que pudesse se transformar numa história viável o suficiente para ser contada. Por essa razão, os cineastas buscaram de maneiras diferenciadas adquirirem essa capacidade técnica de reproduzir e atender nas mais diversas telas do cinema as demandas de uma sociedade que almejava cada vez mais representações que se aproximassem da realidade visível em seu cotidiano, e é exatamente por essa razão, que o cinema mudo perdeu espaço e o sonoro se tornou hegemônico.

Para Dudley (2002) André Bazin, teria sido o teórico que destoou dos demais realistas, em suas palavras

“(…) André Bazin foi o primeiro crítico a efetivamente desafiar a tradição formativa. Foi sem dúvida a voz mais importante e inteligente a defender uma teoria e uma tradição cinematográfica baseada na crença no poder das imagens mecanicamente registradas, e não no poder aprendido do controle artístico sobre tais imagens (…)” (DUDLEY, p. 113: 2002).

Para André Bazin, a realidade exibida era uma evidência de uma realidade auto-comprovada o que refletiria em certo sentido a dualidade existente no cinema arte-realidade. Portanto, a matéria-prima do cinema adquire sua significação a partir das formas pelas quais ela é representada. Dito isto, é evidente que aos da interpretação baziniana, o cineasta utiliza o meio que o cerca para atender os seus objetivos e interesses pessoais e o transforma de tal modo que o resultado desse processo evidencie os significados que ele busca ressaltar. Ainda que isso provoque um enorme embate entre o real e a capacidade de abstração dos diretores e produtores do filme.

Nesse sentido, Bazin entende o cinema como um veículo capaz de propagar e expandir inúmeras interpretações do real, sendo dessa forma, a teoria dele argumenta que a interpretação do cineasta reside na sua capacidade de seleção de imagens da realidade que o cerca. Bazin argumentou sobre uma realidade produzida pela construção particular e individual do artista. Dessa maneira, o cinema era visto por ele como elemento e objeto que interage com as mais diversas e complexas relações sociais.

Os teóricos realistas apresentaram inúmeras aproximações com outras correntes de pensamento, a saber, Roland Barthes³.

2. A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA: UMA INTERPRETAÇÃO SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DA INTOLERÂNCIA COMO PRÁTICAS FASCISTAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.

Diante da enorme variedade de conceitos e interpretações sobre a Intolerância, optaremos por abordá-la a partir dos estudos e pesquisas sobre as práticas fascistas promovidas pelos movimentos e grupos defensores de posturas políticas conservadoras, nacionalistas e de extrema-direita.

Entre os anos de 1973 e 1979 o mundo assistiu atônito a duas crises consecutivas do petróleo responsáveis pela destruição de todo um *modus vivendi* anterior. As economias

³ VER BARTHES, Roland. *Mitologias*. Rio de Janeiro. ed. Difel, 2010; BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo. ed. Cultrix, 2006

capitalistas caracterizadas pela política do welfare state (bem-estar social)⁴ perderam fôlego para manter suas posturas anteriores e diante disso, precisaram se readaptar. As transformações provocadas por essa mudança de postura culminaram no estabelecimento de um novo arquétipo econômico conhecido como Neoliberalismo, este caracterizado pela gestação daquilo que mais tarde seria denominado Estado mínimo.

Dessa maneira, as antigas medidas voltadas para o assistencialismo social foram desativadas e a responsabilidade pela geração de empregos foi transferida do setor público para a iniciativa privada. Antigas agências e empresas estatais foram privatizadas para reduzir os custos do Estado e o resultado imediato dessas práticas foi o desemprego em massa. Com isso, a década de 1980 foi marcada por uma profunda estagnação econômica e desânimo nos investimentos das principais nações do planeta.

As novas empresas, agora privatizadas, precisaram estabelecer uma política de contenção de custos e para isso, optavam por abrir suas filiais em países menos desenvolvidos, onde as regulamentações trabalhistas eram mais frágeis e o valor da mão-de-obra mais barato. Essa mudança de comportamento inicialmente guiada pelos norte-americanos, sob a presidência de Ronald Reagan (1981-1985/1985-1989), e pelos ingleses, sob a gestão da primeira-dama Margareth Thatcher (1979-1990) tornou-se a pauta de governo da maioria das nações capitalistas, desenvolvidas ou não, espalhadas pelo mundo.

Assim, as comunidades de regiões onde o contraste crescimento econômico e bolsões de pobreza foram marcantes, tornaram-se solos férteis para o florescimento de grupos extremistas, que consideravam os seus governos débeis e apontavam como principal causador dos problemas internos, os indivíduos considerados estranhos àquela comunidade. A discriminação e as propostas de limitações de entradas de imigrantes se tornaram o instrumento fundamental dos discursos de movimentos e partidos políticos de extrema-direita como resposta para quaisquer tipos de problemas sociais. O que se nota racionalização de ideias políticas racistas, que representariam a gestação de um comportamento caracterizado pelo fascismo ressurgente⁵.

⁴ Política econômica estabelecida após a Crise de 29 e consolidada com o final da 2ª Guerra Mundial. Era caracterizada pela influência das ideias do economista John Maynard Keynes, o qual teria defendido uma relativa participação do Estado em políticas públicas que garantissem o bem-estar da sociedade através de políticas de assistência social e geração de empregos.

⁵ VER: PAXTON, Robert O. *A anatomia do Fascismo*. São Paulo. ed. Paz e Terra, 2007;

Nos últimos anos esses grupos promoveram um ruidoso e alarmante crescimento. Estima-se que somente na Alemanha existam cerca de 70 mil pessoas que possam se encaixar no perfil neofascista⁶, na Inglaterra o BNP (British National Party), principal condutor dessa visão política, ganha cada vez mais espaço, assim como na França Jean-Marie Le Penn já esteve entre as principais lideranças da Nouvelle Droite (Nova Direita Francesa) e nas eleições para a presidência em 2012, Marine Len Pen, representante dessa extrema-direita teve mais de 17,9% dos votos, onde o primeiro colocado, o socialista François Hollande apresentou 28,6%⁷. Até a Rússia, herdeira do antigo comunismo soviético, apresenta-se como solo fértil para a disseminação de ideias neofascistas propagandeadas por Wladimir Jirinowsky.

Dito isto, percebe-se que com a queda do muro de Berlim (1989), e a intensificação do processo das relações capitalistas da globalização, inúmeros problemas socioeconômicos relacionados ao desemprego estrutural se tornaram ainda mais evidentes em regiões espalhadas pelo mundo, o que não torna coincidência, o fato de cidades como Londres, Berlim, Paris, Madri, São Paulo e várias outras grandes cidades se tornarem evidências de áreas marcadas pela proliferação dessas posturas políticas.

Além dos fatores socioeconômicos, considera-se também a maturação de uma espécie de sentimento de angústia e frustração dos moradores nativos, e que é agravado à sensação de ameaça em relação ao mercado de trabalho, e possibilita dessa maneira, o desenvolvimento de sentimentos xenófobos que direcionavam para os imigrantes, a culpa para todos os problemas locais. Assim, atentados como o que ocorreu na pequena cidade de Möelln (Alemanha) em 1992⁸, além das descobertas de assassinatos de imigrantes planejados por grupos neonazistas⁹ tornaram-se lugar comum na extensa lista de crimes motivados pela intolerância cometidos ao redor do mundo.

⁶ SILVA, p.322, 2000.

⁷ Dados obtidos em <http://edition.cnn.com/2012/04/23/world/europe/french-election-five-things-runoff/index.html?hpt=ieu_mid>.

⁸ Em 1992 skinheads neonazistas incendiaram um albergue de trabalhadores turcos provocando a morte de uma mulher de 53 anos e duas meninas. Além disso, outras cidades foram alvos de atentados de caráter neonazistas como, por exemplo, na pequena cidade de Solingen onde morreram duas mulheres e três jovens turcas. (SALEM, p.67, 1995).

⁹ VER <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/11/alemanha-prende-suspeito-de-ser-cumplido-de-assassinatos-neonazistas.html>>.

Ainda assim, é necessário discutir as razões que justificariam a adoção dessas práticas fascistas. De acordo com Theodor Adorno (1950), os indivíduos que aderiram ao fascismo apresentavam uma série de elementos psicossociais que explicariam aquilo que ele considerava personalidade autoritária. Dito isto, o individualismo exacerbado presente no mundo industrial teria sido responsável pela produção de uma multidão solitária, nas palavras de Adorno, *lonely crowd* que forneceriam esse ambiente psicologicamente favorável. A sua argumentação se insere na análise das opiniões, atitudes e valores, mas, sobretudo, nas atitudes. Adorno considerava o Fascismo uma prática, que poderia ser adotada quando fosse conveniente, até lá essa personalidade autoritária ficaria adormecida aguardando o momento ideal para se manifestar.

No entanto, esse aspecto poderia variar de acordo com cada pessoa, visto que a sua construção estaria relacionada às interações sociopolíticas e culturais realizadas pelos indivíduos que consolidariam suas opiniões e valores. Obviamente, Adorno ainda considera que as frustrações socioeconômicas forneceriam condições psicossociais para a proliferação e amadurecimento de comportamentos antidemocráticos, pois estes seriam mecanismos de inserção desses indivíduos em grupos extremistas, ou seja, uma tentativa, ainda que desesperadora de pertencimento, e conseqüentemente, identificação. Não é a toa que são constantes os casos de violência associados a intolerância cometidos por jovens ainda hoje.

“(...) O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como delinquentes juvenis, líderes de quadrilhas e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador – o que talvez seja equivocado embora útil à compreensão – eu o denominaria de o tipo de consciência coisificada. No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais as coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais as coisas. Isto é muito bem traduzido pela expressão *aprontar*, que goza de igual popularidade entre os valentões juvenis e entre os nazistas (...)”. (ADORNO, p. 129: 1970)

Portanto, as sociedades contemporâneas teriam sido responsáveis pela formação de uma multidão de indivíduos marcados pelo enraizamento de angústias que justificariam a adesão aos movimentos políticos nacionalistas como ocorrera durante o Nazismo.

Em seu polêmico trabalho *Educação após Auschwitz*¹⁰, Adorno considera que o movimento nazista estaria arraigado na sociedade alemã por esta apresentar uma enorme rigidez em seus métodos educacionais. Para ele, o século XX e a sua modernidade teriam sido responsáveis por um esfriamento das relações humanas. O profundo racionalismo evidente nessa época, somado a um comportamento nacionalista extremado, teriam sido alguns causadores para o processo de banalização da violência assistido no massacre de armênios na 1ª Guerra Mundial e do Holocausto promovido pelos nazistas. Banalização essa que já estaria presente na severidade dos métodos educacionais e dos seus rigorosos e violentos ritos de iniciação que nada mais fariam do que naturalizar a dor e a violência.

Esses fatores explicariam os crimes cometidos pelo fascismo, visto que, estariam vinculados a transferência de responsabilidades permitida pelo excessivo aparelho burocrático totalitário, o mal se disfarçaria de um mero cumprimento de ordens. Assim sendo, Adorno considera que a afirmação do individualismo e de suas responsabilidades consistiria em mecanismos para evitar o retorno dessas práticas. Portanto, a tecnificação da sociedade teria sido uma das responsáveis pelo distanciamento das relações humanas

(...) Isto se sedimentou do modo mais profundo no caráter das pessoas. O que contradiz, o impulso grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas (...) (ADORNO, Theodor. São Paulo: 1970).

Portanto, Adorno argumenta que a personalidade autoritária é percebida pelas suas práticas fascistas e explicada por condições subjetivas que explicariam os seus mecanismos. Tais condições subjetivas estão relacionadas a momentos históricos que poderiam explicar práticas autoritárias realizadas por sociedades democráticas, desde a Alemanha dos anos 1930 até a recente postura americana com o *Patriot Act*¹¹, que legitimou o uso da força e de práticas

¹⁰ ADORNO, Theodor W. *Educação e Emancipação*. São Paulo.ed. Paz e Terra, 1970;

¹¹ Também conhecido como “Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act of 2001”, o *Patriot Act* foi aprovado em 26 de outubro de 2001 com o intuito de autorizar juridicamente o uso da força para o combate ao terrorista.

de tortura pelo governo estadunidense em interrogatórios em Abu Ghraib e Guantânamo de prisioneiros considerados terroristas.

Sendo assim, caberia a educação a realização de uma espécie de gerenciamento das diferenças para se evitar esse tipo de comportamento. Mas, no entanto, ela também falhou. É o que constata o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva ao se debruçar sobre os eventos ocorridos na ilha de Utoya (Noruega)¹², na escola judaica escola judaica Ozar Hatorah, em Toulouse (França)¹³ e mais recentemente em Zwickau¹⁴. Na opinião dele, o crescimento de eventos vinculados a intolerância, estão diretamente relacionados a uma ascensão das direitas conservadoras em várias regiões da Europa. Aquilo que ele denominou como maré neonazi tem sido marcante em países onde os péssimos índices econômicos têm como alvo nos discursos direitistas o imigrante.

A análise inicial do professor Francisco Carlos Teixeira é na melhor das hipóteses, preocupante, visto que ele apresenta ao longo de suas análises publicadas em 2011 e 2012 no portal agenciartamamaior, um constante processo de aproximação entre a direita conservadora mundial e grupos políticos de extrema-direita. Além disso, ele destaca inúmeros segmentos e dados que comprovam e atestam um crescimento estrondoso do fascismo ressurgente que volta seus olhos contra imigrantes (estrangeiros em geral), muçulmanos, judeus e inúmeras minorias associando a todos eles a responsabilidade pelos problemas socioeconômicos.

3. O OBJETO DE ESTUDO: THIS IS ENGLAND (2006)

Amadurecida e próxima do verossímil, a obra *This is England* (2006) dirigida por Shane Meadows traz à tona um país mergulhado numa crise sistemática, onde a falta de perspectivas produzem diversos grupos de jovens desencantados com a sua realidade.

¹² Tragédia ocorrida na ilha de Utoya (Noruega) quando o atirador Anders Behring Breivik promoveu o assassinato de mais de 70 pessoas; Ver <<http://noticias.terra.com.br/mundo/ferido-em-utoya-morre-e-numero-total-de-mortos-sobe-para-93,988b2882829ba310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>;

¹³ 19 de março de 2012 ataque contra escola judaica deixa 4 mortos. Ver <<http://noticias.terra.com.br/mundo/ataque-contra-escola-judia-na-franca-deixa-4-mortos,2e7a77519f7da310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>> Acesso em 19 jan 2013;

¹⁴ Ver <<http://oglobo.globo.com/mundo/grupo-neonazista-tinha-lista-com-88-possiveis-alvos-3249645>>;

Nascido em 26 de Dezembro de 1972 em Uttoxeter (Inglaterra), a carreira artística de Shane Meadows não foi menos inusitada do que a de Lexi Alexander, mas certamente mais criativa e premiada.

Apesar de ser marcado pela produção de curtas-metragens foi o longa *This is England* (2006) que projetou a carreira de Meadows internacionalmente. Vencedor de 8 prêmios, incluindo o BAFTA (British Academy Films Television and Arts – 2008) e nomeado em outras 14 indicações, *This is England* (2006) é a obra-prima de Meadows que ainda lhe rendeu uma continuidade na série *This is England' 86* (2010) também muito bem recebida pelo público. Antes dela, Meadows ainda escreveu e dirigiu ao lado de Paul Fraser, *Somers Town* (2008), que retrata uma história paralela de seu protagonista em *This is England* (2006), o garotinho Shaun (Thomas Turgoose). Recentemente, Meadows tem dirigido o seu mais novo trabalho o documentário *The Stones Roses* (2012) que será a conclusão da temática iniciada em 2006 com *This is England*, assim sendo, Meadows nos dá demonstrações claras do seu enorme talento e criatividade em retratar inúmeras interações sociais a partir de suas experiências. Sendo assim, o cenário e a temática para sua obra-prima não poderia ser outro.

Inglaterra, 1983, a nação sofre um grande impacto econômico provocado pelo choque do petróleo e pela adequação de sua economia ao neoliberalismo implantado por Margareth Thatcher, *A Dama de Ferro*¹⁵. Em meio a isso, a chegada constante de imigrantes provoca uma enorme insatisfação local da população nativa que direciona a sua desilusão e raiva aos recém-chegados. É este ambiente tenso e hostil utilizado por Shane Meadows como cenário para narrar a história do pequeno garoto Shaun (Thomas Turgoose), que com apenas 12 anos é alvo de provocações e vítima de uma profunda tristeza por ter perdido o seu pai na Guerra das Malvinas ou Falklands.

O garoto Shaun é, antes de tudo, a alegoria da maior parte dos adolescentes ingleses, e com certeza a auto-representação de Shane Meadows, que mergulhados nos anos 1980, declaram guerra a todo o *modus vivendi* daquele período, não surpreende portanto, o (re) aparecimento de tribos urbanas que caracterizadas por uma enorme variação cultural, apresentaram formas distintas de expressar os seus anseios.

¹⁵ Expressão utilizada em alusão a postura firme da Primeira-ministra Margareth Thatcher (1979-1990);

Perdido em seu próprio mundo, o jovem retratado no filme busca de todas as formas elementos que possam suprir a ausência do seu pai. Incompreendido pela mãe e perseguido por outros garotos de sua escola, Shaun responde com violência às angústias de sua vida. A necessidade de encontrar um meio ou um grupo que o aceite como igual, e que atenda as suas necessidades emocionais torna-se fundamental para o menino. Sozinho e bastante triste, ele encontra apoio em um grupo de jovens skins, os quais lhe oferecem proteção e reconhecimento.

O enredo, claramente apresenta aspectos autobiográficos, o que é marcante em boa parte da filmografia de Meadows, e remonta os momentos iniciais da formação de diversos grupos skinheads na Inglaterra. Imersos em um enorme caldeirão cultural, a cosmopolita e decadente cidade de Londres traz consigo a produção de estilos musicais como o Punk, o Ska e o Oi! e inúmeros grupos urbanos que exigem de seus membros um comportamento e uma indumentária específica. De punks a skinheads, de mods a rockers, a diversidade é imensa e diante dela, Meadows optou pelos skins, grupo que mais influenciou a sua juventude.

(...) Para mim os skinheads estão aqui dentro (coração). Como skinheads deve primeiro: amar seus doc martens, amar a música ska, ter a atitude correta em seu coração e na cabeça, tem que gostar de futebol, tem que gostar de agitar, como qualquer outra pessoa da subcultura, e creio que o mais importante, é ser antiracista (...).¹ (BLOODVESSEL, Buster. IN: SCHWEIZER, Daniel. *Skinhead Attitude!*)

De acordo com Erving Goffman (2009) determinadas posturas assumidas pelo indivíduo, quando inseridos em um determinado meio social, é resultado da interação deste com aquilo que o autor nomeou de fachada social. Esta, a qual seria composta pelos elementos aparência (condição em que o indivíduo se encontra) e maneira (postura assumida em determinadas situações) exigiria um comportamento específico do indivíduo, que no caso dos skins seria a citação apresentada acima. Nesse sentido, o skin assumiria com tanta frequência determinado comportamento ou máscara social que ao passar do tempo não conseguiria se dissociar dela.

Dito isto, os indivíduos seriam considerados atores sociais que em certo sentido teriam alguns de seus comportamentos condicionados pelas fachadas sociais estabelecidas. Assim, o uso do doc martens, a cabeça raspada a zero, a agitação apontada pelo entrevistado seriam

elementos e posturas condicionadas aos skinheads, assim como a violência, a intolerância e o neonazismo.

O movimento skinhead teria surgido como mais uma subcultura criada entre os anos 60 e 70. Fruto de múltiplas influências, os skins são contemporâneos de outros grupos como os mods, rockers, punks, os quais teriam nascido associados a ritmos musicais provenientes de diversas regiões. A variedade desses teria sido responsável pela grande diversidade entre os seus membros, e na sua origem, não teriam existido divergências marcantes entre brancos e negros.

Anos mais tarde, com o surgimento da banda Screwdriver, fundada em 1976, liderada pelo vocalista Ian Stuart – fundador do grupo Blood and Honour - letras de caráter anti-semita, marcadas pela intolerância contra negros, homossexuais e imigrantes, além de ideias neonazistas, tornaram-se lugar comum na comunidade skin, provocando dessa maneira uma notória divisão no movimento, agravadas pela aproximação de partidos conservadores e de extrema-direita como British National Party (Partido Nacional Britânico - BNP) aos grupos skins. A criação de instituições como o Blood and Honour e o Combat 18 contribuíram para o aumento da violência entre os diferentes grupos, os quais se sentem vitimizados por uma suposta conspiração judaica que pretende dominar o mundo. Além disso, a associação desses grupos a outros mais enraizados como a Ku Klux Klan, promovem a criação de um cenário de guerra, onde todos eles racistas ou não se tornam vítimas.

Apesar de todo esse cenário, Meadows trabalha esses eventos sob uma perspectiva mais intimista e demonstra ao longo de seu filme um processo educativo sobre Shaun que receberá influências de vários tipos skinheads. O grande divisor de águas está na chegada personagem Combo (Stephen Graham) ao grupo de skins comandado por Woody (Joseph Gilgun). Amigos de longa data, Combo retorna ao grupo de Woody após ter sido preso por assumir um crime cometido pelo companheiro.

Recém-libertado e extremamente desequilibrado, o novo personagem inicia um processo de instituição de ideias racistas, ultranacionalistas e xenóforas no grupo, que são direcionadas principalmente ao personagem Milky (Andrew Shim). O mecanismo de intolerância é ativado e conseqüentemente provoca uma cisão entre os skins.

No entanto, o jovem Shaun (Thomas Turgoose), encantado pelo comportamento e pela liderança do novo integrante, passa por processo educativo de adequação ao novo cenário, que identificam imigrantes como inimigos e a violência como resposta. Esse comportamento convence o garoto a assumir posturas fascistas e extremamente agressivas.

No entanto, Meadows vai mais além. O diretor se propõe a apresentar reuniões de partidos políticos e demonstrá-los como uma das origens para a elaboração de ideias e propostas tão violentas e agressivas. A reeducação de garoto é extremamente dura e a banalização da violência ocorrida nesse período é enorme. Em uma das cenas marcantes do filme, Shaun (Thomas Turgoose) invade loja de conveniência. O garoto ofende, humilha e agride o vendedor com o apoio de seus comparsas e tudo é justificado pela mentalidade intolerante reunida em seu meio, a qual acusava o vendedor, imigrante, de ter roubado o espaço destinado a indivíduos genuinamente ingleses.

Contudo, um elemento ainda colocava em contradição tudo o que era proposto por Combo (Stephen Graham) e os seus seguidores, a presença do personagem Milky (Andrew Shim) no grupo. De origem jamaicana e chamado ironicamente dessa forma, Milky (Andrew Shim) representava tudo aquilo que era criticado pelos neofascistas, mesmo assim, convivia livremente com o grupo, o que tornaria contraditória toda a xenofobia e intolerância apresentada por Combo (Stephen Graham). Não é a toa que nos últimos momentos do filme, Combo é posto em xeque, entre a amizade que sentia pelo jovem jamaicano e as suas ideias deturpadas. A resposta encontrada por ele é mais uma busca na violência soluções simplificadas para os seus dilemas cotidianos, o que resulta no espancamento brutal promovido contra Milky. Mesmo com todo arrependimento demonstrado logo após a sua explosão de fúria, na mente atormentada de Combo, aceitar a permanência de um desigual seria algo inaceitável.

Outro grande aspecto apresentado ao longo do filme é a bandeira inglesa (A Cruz de São Jorge) hasteada frequentemente por Shaun. Esta em oposição a bandeira do Reino Unido representaria a identidade do povo inglês defendida com unhas e dentes por um garoto desiludido e confuso que após perder o seu pai numa guerra sem propósitos concretos, buscava na violência a solução para um mundo sem respostas aparentes. O menino teria

encontrado nessa luta um objetivo para si e um reconhecimento daquilo que ele representava perante a sua realidade.

O espancamento de Milky e a forma pela qual foi conduzido serviram como um alerta para o menino, último a se afastar daquela dura realidade. O filme se encerra com uma cena emblemática onde Shaun joga a bandeira inglesa ao mar, e com ela toda a intolerância e violência que havia sido lhe ensinada no decorrer do enredo. Com isso, a obra chega ao fim sem apresentar respostas para a crise sistemática que se encontrava o país, mas também deixando bem claro que o caminho neofascista não oferecia melhores perspectivas, pelo contrário, a dor e a frustração provocada por ele poderiam ser ainda maiores.

Após essa abordagem sobre o filme escolhido como objeto desse trabalho, torna-se necessário elencar os aspectos pelos quais nossa pesquisa se direcionou. Os estudos que envolvem o cinema buscam acima de tudo discutir os seguintes elementos: Matéria-prima, Métodos e técnicas, Modelos e formas e por fim, Objetivo e valor.

Matéria-prima. *This is England* (2006) discutem ao longo de suas respectivas obras uma temática cada vez mais presente na contemporaneidade: a formação de tribos urbanas caracterizadas por práticas fascistas. Trata-se de representações de identidade e de práticas fascistas.

Para melhor compreender essas representações será necessário situar especificamente o ambiente o qual a história é retratada, a cidade de Londres. Multicultural, cosmopolita e ainda assim, decadente. O que explicaria manifestações de ódio, repletas de intolerância e reivindicações por território em um país tão diverso?

A problematização da questão multiculturalismo versus intolerância tem sido alvo de debates e discussões por parte de inúmeros pensadores. Não pretendemos aqui esgotar essa discussão, mas sim, apresentar algumas ideias já trabalhadas sobre essa temática, em especial, as abordagens realizadas por Stuart Hall (2009) e Homi Bhabha (1998) com o intuito de esclarecer algumas interpretações sobre os problemas representados pelos filmes escolhidos.

Um dos questionamentos levantados corresponde ao fato das motivações dessa crise, pois, como o próprio autor argumenta ao longo de sua obra, as sociedades multiculturais não são recentes. Nesse sentido, Hall (2009) aponta como uma das justificativas para essa condição de emergência as sequelas da globalização. Este fenômeno mundializante teria sido

responsável por um evento inédito, isto é, ele possibilitou uma intensificação do contato entre áreas hegemônicas e periféricas onde os grupos migrantes produziram a gestação de espaços culturais universalizantes e específicos onde coexistiam grupos hegemônicos e marginais. Assim, esse processo diaspórico permitiu que em um único espaço urbano colonizador e colonizado coexistissem, ainda que de maneira extremamente segregacionista e violenta. Este trabalho não tem o propósito de discutir a globalização, apenas situá-la como um dos elementos que compuseram a matéria-prima selecionada pelo diretor do filme analisado.

O impacto dessa nova realidade foi profundamente explosivo e destruiu as antigas concepções de identidade e pertencimento nacional. Consequentemente, as formas anteriores de segregação, antes fundadas num argumento essencialmente biológico, foram readaptadas. Stuart Hall (2009) acreditaria que um dos principais efeitos do surgimento desses novos espaços multiculturais fora a transição de um racismo biológico para o racismo cultural.

Nesse sentido, esses ambientes marcados por sociedades híbridas seriam um campo fértil para explosivas disputas de identidade, o que coloca em xeque a concepção liberal do Estado, pois neste não caberia mais um tratamento jurídico civil universal diante das inúmeras especificidades culturais, o que coloca em rota de colisão os preceitos defendidos pelo multiculturalismo e o antigo modelo de Estado Liberal.

Podemos também apresentar mais um aspecto agravante, o qual reside nos processos identitários: a representação do Outro. Homi Bhabha (1998) ao analisar as relações identitárias entre os europeus colonizadores e os povos colonizados teria apontado que a construção da ideia do Outro é estabelecida pelo sujeito dominador numa relação de poder que no fundo representa a imposição de um alterego desse indivíduo sobre o dominado através da instalação de estruturas arcaicas e pervertidas de seu sentido com o intuito de garantir o espaço de dominação onde o Outro será readaptado ou recondicionado através da força a esse ambiente. Em suas palavras

“(...) A presença negra atravessa a narrativa representativa do conceito de pessoa ocidental: seu passado amarrado a traçoeiros estereótipos de primitivismo e degeneração não produziu uma história de progresso civil, um espaço para a Socius; seu presente, desmembrado e deslocado, não conterà a imagem de identidade que é questionada na dialética mente/corpo e resolvida na epistemologia da aparência e realidade. Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse

ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referencia e transgredido, seu campo de visão perturbado (...)” (BHABHA, p73: 1998).

Nesse sentido, esse olhar que o autor especificou para o negro, pode ser ampliado para grupos migrantes que se instalaram ao longo dos anos em suas antigas metrópoles. A transgressão do olhar sobre esses indivíduos promove a construção de estereótipos segregacionistas, pois o consumo de uma mensagem transmitida por um determinado veículo está diretamente relacionado ao sentido que é associado a ele. Não é surpresa então que em momentos marcantes de ambos os filmes elementos migrantes são rotulados pelos seus protagonistas. O paqui representado em *This is England* (2006) seria o símbolo para todos os imigrantes de origem asiática, sejam eles paquistaneses ou não.

Por isso, o pensamento racista hoje se encontra muito próximo de uma ideia de nacionalismo manifestada sob a bandeira inglesa (Cruz de São Jorge) em vários momentos do filme *This is England* (2006). Essa concepção deve ser vista a partir da ideia de uma construção ininterrupta da representação do sujeito e assim, o conhecimento sobre si nada mais é do que uma apreensão do Outro.

O imigrante visto aqui como estranho seria alvo constante de desconfiança e representante direto de uma suposta ameaça para os habitantes locais, tantas tensões reunidas em um mesmo espaço físico seriam responsáveis pela produção de comportamentos específicos de defesa do território, próximo de posturas neotribais. Com uma matéria-prima tão rica e tão atual não seria surpresa ambos os filmes apresentarem uma boa recepção de público e bilheteria.

Métodos e técnicas. Como já havíamos discutido antes, o filme trabalhado por Shane Meadows tratou a temática skinheads de forma densa e intimista, além de por em evidência os inúmeros aspectos culturais da época representada.

O filme apresenta um claro tom biográfico, o que foi fundamental para moldar a matéria-prima escolhida e é justamente por isso, que esse filme carrega em suas imagens leituras sobre as mais diversas interações sociais. Portanto, a abordagem do mesmo “(...) possibilita a interpretação dos fenômenos sociais, nas suas relações com os indivíduos, com as mentalidades, com os processos psicológicos individuais e coletivos (...)” (NÓVOA, p.37: 2008). O cinema aqui passa a ser tratado como um meio de interpretação e leitura do social.

Essas imagens não devem ser vistas de um modo que se trabalhe a arte pela arte. Existem dentro delas intenções e formas de representação de inúmeras categorias.

Modelos e formas. Sobre este aspecto, identificamos o estilo cinematográfico adotado por Meadows agrega ao seu filme um caráter intimista bastante e fiel a sua corrente teórica cinematográfica: o realismo. A partir desse aspecto, Meadows consegue com maior sucesso escapar dos riscos maniqueístas, além de apresentar uma leitura mais pessoal e individualizada sobre o tema proposto.

Por fim, Objetivo e valor. Essa categoria de abordagem cinematográfica busca analisar a recepção do filme pelos seus espectadores, ou seja, a importância que esse produto midiático trouxe para quem o assistiu. Considerando que este, não é o objetivo do nosso trabalho, o qual buscou analisar as representações dos diretores sobre determinados movimentos sociais. Dito isto, nos limitaremos a propor que o filme vai muito mais além daquilo que é aparente. Pois, como constatou José D'Assunção Barros: “(...) A mais fantasiosa obra cinematográfica de ficção traz por trás de si ideologias, imaginários, relações de poder, padrões de cultura (...)”. (BARROS in: NÓVOA, p.53: 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de tribos urbanas é uma tônica nos últimos 30 anos. O seu surgimento esteve relacionado a múltiplos fatores que vão desde razões econômicas até manifestações culturais. As influências da música e de posturas de contracultura foram fundamentais nessas tribos urbanas, de tal maneira que podemos mergulhá-lo no mesmo caldeirão cultural gerador de movimentos como o punk e o skinhead.

A enorme produção fílmica¹⁶ sobre esse tema, principalmente no primeiro decênio do século XXI, despertou a nossa atenção, o que provocou a catalogação de algumas películas centrais para a construção de um estudo sobre as formas que esse movimento foi retratado ao longo desse período. A discussão sobre essa temática então ganhou fôlego, devido aos sucessivos casos de violência urbana associada à intolerância, o que provocou a produção de

¹⁶ *Tolerância Zero* (The Believer - 2001), *Fuhrer-EX* (2002), *Skinhead Attitude!* (2003), *Evil - Raízes do mal* (Ondskan - 2003), *Hooligans* (Green Street Hooligans - 2005), *Botas de aço* (Steel Toes - 2006), *This is England* (2006), *A Onda* (Die Welle - 2008), *This is England '86* (2010), dentre muitos outros.

outros diversos filmes que buscaram ampliar esse debate através de perspectivas diferenciadas. A partir daí, a produção de películas onde os skinheads eram representados em filmes de violência urbana, tornaram-se um lugar comum no cinema internacional.

As obras discutidas acima apresentaram visões e formas de representações gerais sobre esse grupo e a maneira como este se relacionava com ideias nacionalistas, autoritárias e neofascistas. Dessa maneira, a produção constante de filmes com essa linha apresenta-se como uma tentativa de explicar um fenômeno crescente e que em larga medida está associado ao movimento skinhead, que é o surgimento de tribos urbanas marcadas pela intolerância e que buscam de formas violentas construir identidades em um mundo cada vez mais globalizado. Soma-se a isso, o surgimento de uma nova direita e a sua atuação no alistamento desses jovens em ideias extremadas.

REFERÊNCIAS

- ANDREW, James Dudley. **As Principais teorias do cinema**. Rio de Janeiro. ed. Jorge Zahar, 2002;
- ADORNO, Theodor W. **Introdução à “A Personalidade Autoritária”**. Harper. Nova York, 1950;
- _____. **Educação e Emancipação**. São Paulo.ed. Paz e Terra, 1970;
- BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte. ed. UFMG, 1998;
- BLOODVESSEL, Buster. IN: SCHWEIZER, Daniel. **Skinhead Atitude!**. [Filme-documentário]. Produção e Distribuição Werner Schweizer Samir e Annette Pisacane. SUÍÇA / FRANÇA / ALEMANHA, 2003. DVD, 93min. color. son;
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis. ed. Vozes, 2009;
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte.ed. UFMG, 2009;
- NÓVOA, Jorge; SILVA, Marcos. **Cinema-História e Razão-Poética: O que fazem os profissionais de História com os filmes?**. *apud*: PESAVENTO, Sandra J. ... [et al]. *Sensibilidades e Sociabilidades: Perspectivas de pesquisa*. Goiânia. ed. UCG, 2008;

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, VIANA, Alexander Martins. **Dicionário crítico do pensamento da direita: idéias, instituições e personagens**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2000;

_____, **Um estrondo na Noruega: quando o diabo bate à porta**, publicado em www.cartamaior.com.br

[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5134];

Disponibilidade: 20/02/2013;

_____, **O retorno: é primavera em Zwickau, Alemanha**, publicado em www.cartamaior.com.br. Disponibilidade: 20/02/2013;

[http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5423].